



IMAGENS DA DIFERENÇA EM CORRESPONDÊNCIAS DE HERMANN OTTO BLUMENAU

Márcia Fagundes Barbosa¹

O contexto intercultural da imigração alemã para o sul do Brasil em meados do século XIX reproduz em suas narrativas uma estrutura dualizada que pensa um (Europa) em detrimento do outro (América Latina), onde há a recusa da diferença. Os discursos que possibilitaram esta relação de transferência e reterritorialização articularam-se dentro desse contexto discriminatório e unilateral, legitimando-se na disponibilidade da rica natureza e da deficiente sociedade. Apoiado nas diferenças raciais/culturais/históricas, o discurso simbólico do imigrante alemão evidencia formas de apreender o “outro” e, sobretudo, formas de se recriar enquanto sujeito histórico. Procurando evidenciar esses momentos de “estranhamento”, analiso três cartas de Hermann Otto Blumenau aos seus pais e parentes, as quais foram redigidas no Brasil entre os anos de 1846 e 1848, época em que preparava seu empreendimento de colonização. Hermann Blumenau era alemão e fundou a Colônia de Blumenau no estado de Santa Catarina em 1850, dirigindo-a durante trinta anos. Essas cartas foram publicadas pela Revista Blumenau em Cadernos a partir do ano de 1998, com o objetivo de iniciar as comemorações dos 150 anos de fundação da Colônia Blumenau a se completar no ano 2000.

Na carta dirigida aos pais e parentes, datada em 21 de abril de 1848, Hermann Blumenau relata sua primeira incursão nas terras catarinenses apresentando-se como agente ativo de uma paisagem intocada pela “civilização”. A narrativa de Blumenau aproxima-se muito dos relatos de viagens da vanguarda capitalista, como denominou Mary Pratt aqueles viajantes que congregam os ideais do comércio e da iniciativa privada. Revelando sempre uma atitude intervencionista, Blumenau realiza uma narrativa de muita ação, onde, além de percorrer as terras desejadas, negocia com autoridades da Província de Santa Catarina, chamada Desterro na época, e do Rio de Janeiro. Nesta longa carta, revela que contava com a sociedade de Ferdinand Hackradt nesta fase inicial dos negócios. Navegando pelo Rio Itajaí, Blumenau faz uma descrição detalhada deste e de seus arredores, idealizando nesta narrativa suas aspirações colonizadoras.

O rio é profundo, corre mansamente e as terras nas suas margens são as melhores da província. Pela primeira vez vi a grande cachoeira (Salto) a qual Hackradt havia me falado e nela nos separamos. Hackradt desceu o rio até o acampamento na margem do ribeirão da Velha para negociar contratos de compras de terras e eu, acompanhado de um alemão e um brasileiro, subi o rio a fim de explorá-lo até onde fosse possível. (...) A cachoeira tem um aspecto assustador e selvagem. (...) Dizem que a força do rio é tamanha que grossos troncos

¹ Doutora em Teoria Literária – UFSC – marcia.fb@brturbo.com.br



de cedro que descem pela cachoeira despedaçam-se. (...) Nesta cachoeira desvaneceu-se uma ilusão. A instalação de moinhos só é viável com muito custo e trabalho, pois com a chuva, o nível do rio sobe muito, chegando às vezes a elevar-se até 24 pés² em três dias. (...) As margens adjacentes do Salto são altas e somente com muito trabalho pode ser escavado um canal para desviar a água. Numa distância de três quartos de hora poder-se-ia montar um moinho seguido de outro, pois a diferença de nível do rio continua por meia hora formando pequenas corredeiras e cachoeiras. Vi meu plano preconcebido frustrado, deveria mudá-lo, mas resolvi mantê-lo. (BLUMENAU, 03/1998, p. 13-4)

Neste contexto, Blumenau apresenta a natureza sob o ponto de vista funcional, examinando suas potencialidades para um futuro de desenvolvimento econômico e empresarial, o que já identifica logo no início da descrição do rio. Há um grande contraste entre as imagens da natureza selvagem e a atividade comercial dos sócios neste ambiente que desejam transformar. Através de uma voz de dominação em relação à natureza, Blumenau apresenta-se enquanto agente ativo, o qual além das descrições visuais pressupõe um projeto transformador. O registro da presença de um alemão e de um brasileiro, como aliados para a realização do projeto, implica que estes têm um conhecimento prévio da região, apesar de Blumenau não dar voz a suas contribuições, sobrepondo em primeiro plano seus conhecimentos e seu olhar aperfeiçoador europeu. Ao longo da narração sobre o percurso no rio Itajaí, que se realiza de forma muito dinâmica como se descrevendo uma grande aventura, Blumenau faz uso da terceira pessoa do plural e pressupõe sempre que está acompanhado. Porém, os sujeitos instrumentais, como denominou Mary Pratt (1999), só são mencionados na narrativa quando criticados, como veremos mais adiante. O que quero ressaltar aqui é que a mobilização humana local em relação ao projeto de Blumenau pressupõe uma autoridade dessas práticas de exploração e apropriação dos recursos naturais por estrangeiros. A idéia de esforço e perseverança aliada à figura do explorador será uma constante ao longo da carta e servirá de modelo de imaginário racial e nacional em detrimento da figura do brasileiro. Veremos este contraste de forma mais explícita no próximo trecho da mesma carta.

A viagem foi cheia de sacrifícios. Senti no próprio corpo o que significava viajar por águas desconhecidas na floresta virgem. O calor sufocante castigou-me na estreita canoa, na qual mal podíamos nos mexer... Apesar dos sacrifícios estive sempre bem disposto. Já no primeiro dia o sol forte queimou meus braços, que doíam e incharam. Mais tarde a pele desprende-se, e hoje, passados três meses ainda conserva sua cor morena que provavelmente se manterá. ... Os braços ardiem como fogo e continuam doendo, mas mesmo assim apreciei a viagem. (...) Algumas vezes tivemos que descarregar completamente a canoa e arrastá-la por cima das pedras, o que era moroso e foi desagradável, sob uma temperatura de 25° R³. As mordidas de mosquitos e formigas causaram uma coceira nas pernas que me roubou o sono. Em síntese, não foi nada agradável. Se o meu canoeiro brasileiro não tivesse sido medroso, subiríamos o rio ainda mais. Se eu tiver oportunidade, farei outra viagem e subirei o rio numa outra direção. (BLUMENAU, 03/1998, p. 15-6)

O corpo civilizado (urbano) do europeu passa por sacrifícios e transformações para se adaptar e dominar a natureza selvagem americana. O calor, a força das águas desconhecidas, os

² N.T.: 7.20 metros

³ N.T. 31°C



mosquitos e as formigas não são obstáculos suficientes para enfraquecer a atitude dominadora e civilizatória de Blumenau. É interessante pensar na metáfora da pele (da antiga pele européia) que se desprende e ganha nova cor na América. Como um rito de passagem, o corpo de Blumenau transforma-se no contato com a selvagem natureza e nesse sentido passa a integrá-la. Sua força e vontade exploratória somente são vencidas pela fraqueza do remador brasileiro. “Fui obrigado a retornar antes que queria” (03/1998, p. 16) No entanto, contrastam-se as imagens de uma natureza com muitas potencialidades aos olhos civilizados de Blumenau e a deficiência humana de seus habitantes incapazes de dominá-la. E é só neste momento que ouvimos a voz nativa. “Meu remador brasileiro, um covarde, tinha medo dos selvagens, dos lugares desconhecidos e sabe Deus do que mais”. (03/1998, p. 16) Reitera-se claramente a visão dualista do mundo americano (natureza x sociedade) firmada nos debates científicos setecentistas.

Blumenau deixa-se envolver pela “majestosa e indescritível paisagem” que aguça os sentidos, “o ar é ameno, perfumado, o céu de um lindo azul”, e eleva os sentimentos. Ele afirma que mesmo depois de três meses ainda sente-se “maravilhado com a bela paisagem, com a solidão da floresta e a sensação que senti num lugar distante da civilização, que há milhares de anos continua intocado”. (BLUMENAU, 03/1998, p. 15-6) O excesso da natureza traduz-se exatamente nessa imagem do não civilizado, do intocado pelo europeu, do ahistórico.

Após o relato da experiência na mata, a qual promove grande sacrifício físico, mas compensadora liberdade espiritual, “foi lindo, grandioso, fascinante e gostaria que vocês meus queridos, tivessem estado lá comigo” (BLUMENAU, 03/1998, p. 16) Blumenau realiza a compra das terras: “No acampamento mais abaixo reencontrei Hackradt. Assinamos um contrato definitivo de compra de terras e vários outros contratos provisórios”. (BLUMENAU, 03/1998, p. 17) A relação comercial com o ambiente qualifica seu posicionamento de intervenção e autoridade.

Retorna, então, para cidade com o objetivo de oficializar perante as autoridades brasileiras seu projeto de colonização. É neste ambiente, portanto, que descreve o caráter retrógrado da sociedade brasileira e sua dificuldade em lidar com essa situação.

Estou profundamente decepcionado e a aversão contra os procedimentos infames dos brasileiros aumenta cada vez mais. Mas não desisto; o projeto é grandioso e relevante para a Alemanha e os alemães, por isso continuarei até onde puder enquanto houver esperança de sucesso. (BLUMENAU, 03/1998, p. 18)

Enquanto em meio à natureza, as adversidades físicas são compensadoras espiritualmente e Blumenau enxerga grandes possibilidades para um empreendimento colonizador, na cidade os empecilhos para a realização do seu projeto encontram-se na organização social brasileira. “Escrevi muitas petições, tive muito trabalho e aborrecimentos, que me deixaram doente e hipocondríaco.



(...) Aqui não se consegue nada sem despendendo dinheiro. É preciso comprar as pessoas, de cima até embaixo”. (BLUMENAU 03/1998, p. 18) Percebemos que na cidade o corpo também sofre fisicamente devido ao desgaste intelectual. Portanto, o desafio agora não está no domínio da potente natureza, mas no convívio com a corrompida sociedade. O educado e civilizado corpo europeu deve adaptar-se física e intelectualmente ao Novo Mundo. “Não fui autorizado a fazê-lo, mas para dar andamento ao processo, arrisquei algumas centenas de Mil-réis do meu bolso. O efeito surtiu algum resultado e prometi mais se for bem sucedido”. (BLUMENAU, 03/1998, p. 18) Assim, Blumenau contraria seus princípios morais, como uma única possibilidade de dialogar com a organização política brasileira e, assim, dar continuidade ao seu “grandioso” objetivo, o qual envolve a *nação Alemã*⁴ como um todo. Nesse sentido, afirma-se a imagem heróica de Blumenau que em nome da Alemanha luta contra as adversidades administrativas e morais da sociedade Brasileira. “Depois de muitas lutas e intrigas o projeto foi aprovado por pequena maioria de votos, mas o presidente da Província julgou-o incompleto, devolveu-o à Câmara e está sujeito à nova discussão”. (BLUMENAU, 03/1998, p. 19)

A impotência humana e o caráter retrógrado da sociedade brasileira contrastam com a energia e a vontade de progresso alemão, ou seja, a negligência americana legitima o intervencionismo europeu. “As terras nas margens do rio Itajaí foram desleixadas, durante longo tempo, por manobras de um especulador. Agora está havendo um progresso rápido que vem ao encontro dos nossos interesses. Nas margens de ambos os rios residem atualmente cerca de trinta famílias alemãs”. (BLUMENAU, 03/1998, p. 17) Aqui o rápido e interessante progresso está aliado à ocupação das terras por famílias alemãs. Contrastam-se repetitivamente as imagens do progresso europeu e do atraso latino-americano, o que Pratt diz estarem ancoradas

na mais completa hipocrisia, pois é o suposto atraso da América que, em primeiro lugar, legitima as intervenções da vanguarda capitalista. Ideologicamente, a tarefa da vanguarda é a de reinventar uma América atrasada e negligenciada, de forma a enquadrar seus cenários e sociedades não capitalistas como manifestadamente carentes da exploração racionalizada trazida pelos europeus. (PRATT, 1999, p. 262)

Apesar das dificuldades com o negligente sistema político brasileiro, Blumenau transita num contexto ideológico conveniente, pois o Brasil neste período (Segunda metade do século XIX) vive um forte processo internacional de transformações sociais, o qual se apóia nas idéias liberais e científicas da Europa Iluminista. Portanto, as elites, preocupadas com o declínio do sistema

⁴ A idéia de nação alemã nesta época, como foi discutida no capítulo anterior, não envolve uma organização política definida a partir de um Estado, mas o nacional aqui diz respeito a um sentimento de pertença a uma cultura e uma língua comuns.



escravista e com a construção de um povo branco e civilizado, começam a enxergar a imigração européia como uma solução possível.

Blumenau apresenta o atraso brasileiro em relação à racionalidade e especialidade de produção européia, o que reitera a idéia de um futuro americano promissor, desde que desenvolvido pelas mãos diligentes do Velho Mundo. Conta, em seguida, que foi muito bem recebido pelo presidente da província do Rio Grande do Sul⁵, com o qual manteve uma conversa traduzida pelo cônsul da Prússia, e de que este (o presidente) “pediu-me que olhasse bem a terra e verificasse quanto lugar ainda existe para as mãos trabalhadoras”. (BLUMENAU, 06/1998, p. 21) Num contexto político-social em que a imigração européia representava uma solução viável para a construção de um povo branco, os olhos metropolitanos de Blumenau são autorizados a participar da organização desse processo civilizatório-racial. A imigração alemã, enquanto projeto político do império brasileiro, afirmava as noções de raça e nação que iam sendo construídas a partir das teorias científicas européias. Portanto, “as mãos trabalhadoras”, mãos brancas e civilizadas, implicam, neste momento, o desejo do apagamento das mãos negras, índias e mestiças. Nesse sentido, a idéia de raça aproxima-se da noção de povo e “o discurso racial surgia, dessa maneira, como variante do debate sobre cidadania”. (SCHWARCZ, 1993, p. 47) O desenvolvimento da biologia reorienta os preceitos liberais de igualdade e impregna o imaginário social com os conceitos baseados em diferenças de raças, aproximando, assim, as noções de civilização e pureza racial. Portanto, a falta de virtude nacional brasileira parece estar condicionada tanto à juventude do continente quanto à miscigenação.

A carta datada em 3 de agosto de 1846 foi escrita no Rio de Janeiro, onde Blumenau já se encontrava havia três semanas tratando da sua proposta de colonização junto ao governo brasileiro. Nesta extensa narrativa, aborda vários assuntos como a dificuldade com a política brasileira e uma interessante viagem de três semanas que fez ao Rio Grande do Sul, onde visitou as cidades de Pelotas e Rio Grande.

Em meio ao passeio em terras riograndenses, Blumenau e o capitão alemão do vapor encontram uma estância, onde podem se refrescar. Neste ambiente, prova pela primeira vez o chimarrão e descreve as mulheres. “O proprietário não estava, mas sim sua esposa e irmã, ambas índias, com os olhos um pouco rasgados, pele bastante amarelada e longos cabelos pretos” (BLUMENAU, 07/1998, p.29) Blumenau registra um núcleo familiar miscigenado onde há a domesticação da mulher índia pela civilização branca e o corpo nativo feminino, com suas marcas

⁵ O presidente da província do Rio Grande do sul no ano de 1846 era o Conde de Caxias, Luís Alves de Lima.



raciais, é modificado. “Como era domingo, estavam bem vestidas com bonitos e modernos vestidos de chita e os cabelos bem trançados” (BLUMENAU, 07/1998, p.29). Portanto, os inesperados cuidados com as roupas e com os cabelos são justificados pelo fato de ser domingo. Através desses corpos transculturados, Blumenau observa o desajuste entre civilização e natureza. “Mas aí havia um contraste bem interessante entre civilização e naturalidade. Uma cruzou a perna ao sentar-se no banco e colocou o queixo no joelho, enquanto a outra penteava uma criança, conversando com meu companheiro, palitando uma vez e outra os dentes com o pente”. (BLUMENAU, 07/1998, p. 29) Ressalta, nesse sentido, a infantilidade (o modo de se sentar da índia) e a insalubridade (palitando os dentes com o pente) como traços raciais imutáveis nos ameríndios. A experiência com o chimarrão fecha seu relato sobre a estadia nesta fazenda.

Ali tomei pela primeira vez o chá mate (...) Inicialmente queima-se facilmente os lábios, como aconteceu comigo, porém depois o chá é muito saboroso, mesmo sem açúcar e dizem que é muito saudável. (...) Suga-se até que vier chá na boca, depois vem uma preta, pega a cuia e coloca mais água fervente e açúcar, e assim a cuia passa de mão em mão, onde o canudo que, talvez o vizinho tenha sujado, não pode ser limpo, porque é considerado como ofensa. (BLUMENAU, 07/1998, p. 29)

Apesar de saboroso e saudável, esse estranho hábito alimentar é observado como anti-higiênico aos olhos civilizados de Blumenau. A escrava negra nesse ambiente, onde a Senhora é uma índia, qualifica um modo de vida racialmente hierarquizado a partir da presença branca. Aqui, são os corpos femininos indígenas, corpos geradores da continuidade (há o registro de uma criança), que permitem essa nova configuração social. Ou seja, o índio, nesse contexto, é hierarquicamente superior ao negro devido à união com o branco.

Vemos nessas representações da alteridade, produzidas pelo discurso europeu, branco, masculino e burguês, um local de poder cultural, onde identidades são negociadas e signos estabelecidos.

Seguindo a longa cavalgada, Blumenau hospeda-se ainda em quatro fazendas diferentes, onde é muito bem recebido e experimenta a comida típica da região, como toucinho enrolado, lingüiça e carne com farinha de mandioca. Nas três primeiras fazendas não faz descrições sobre os proprietários, mas ressalta suas belezas e produtividades. Inicia uma longa exposição sobre os diversos tipos de árvores frutíferas na primeira fazenda, a qual se chamava “Muito Bonito”, afirmando: “Seria uma propriedade para um bem situado alemão”. (BLUMENAU, 07/1998, p. 30) A segunda parada se dá “numa fazenda, mais bonita ainda que a “Muito Bonito””, (1998,p. 30) onde presenciam, em plena madrugada, o preparo da farinha de mandioca. Na terceira fazenda, propriedade do “senhor Seraphin Barcellos”, comenta: “Fomos recebidos de forma mais cordial e amigável, visitamos a terra e a estância e adquiri conhecimentos valiosos sobre produtos da terra,



agricultura, valor das propriedades, etc.”. (BLUMENAU, 1998, p. 31) Descreve, então, a apicultura, comparando as abelhas nativas com as alemãs e prevê bons resultados no investimento desse negócio que no Brasil “está muito no início ainda”. (BLUMENAU, 07/1998, p. 31) Porém, na última estadia, aonde chegam por acaso, a proprietária é o que primeiro lhe chama a atenção e a partir de então tece suas observações.

Erramos o caminho e cavalgamos até nove horas da noite sem encontrar uma casa e chegamos finalmente muito cansados em uma Estância na floresta, onde havia alguns negros e a proprietária era uma mulata. Apesar da aparência não muito boa, fomos obrigados a ficar. Ofereceram-nos algumas costelas assadas com farinha e a fome empurrou a refeição simples, apesar de não ser muito limpo, pois tivemos que usar as mãos, já que não havia garfos. (...) Fomos dormir em uma cabana, que ainda estava em construção e não tinha paredes, mas tinha um teto. A cama em cima de uma porta era muito dura, mas com o cansaço, dormimos muito bem. (BLUMENAU, 07/1998, p. 31-2)

A sujeira, a desordem e o desconforto são as referências que se associam ao fato da proprietária ser uma mulata. Assim, repudia este encontro explicando que o local de má aparência só serviu como estada, pois erraram o caminho, apenas porque estavam com muita fome a comida suja serviu de refeição e somente o cansaço permitiu que dormissem bem nas camas duras. Nas fazendas anteriores não faz alusão aos proprietários e suas origens raciais, o que se destaca são os conhecimentos adquiridos, as belezas, e a produtividade, onde Blumenau enxerga, constantemente, um futuro promissor para o imigrante alemão.

Nesse sentido, vemos aqui a raça como discurso cultural que determina, a partir dos valores de superioridade e inferioridade, o potencial de humanidade dos grupos sociais. Blumenau representa os núcleos sociais miscigenados a partir de uma construção ideológica fixa, própria do discurso colonial, que necessita da repetição dos signos discriminatórios para se validar. É o que Homi Bhabha chama de estereótipo colonial, o qual através da força da ambivalência “produz aquele efeito de verdade probalística e predictabilidade que, para o estereótipo, deve sempre estar em excesso do que pode ser provado empiricamente ou explicado logicamente”. (BHABHA, 1998, p.106)

Nos dois momentos em que reconhece e repudia as diferenças raciais, Blumenau enfatiza a presença dos sujeitos femininos, até então ocultos na sua narrativa de conquista. Sujeitos articulados duplamente enquanto diferença (gênero e raça) e que representam no interior do discurso colonial o signo transgressor, pois carregam nos seus corpos a possibilidade da divisão (degeneração) da pele/cultura. Essas mulheres, determinadas e elevadas socialmente pela relação com o homem branco, não deixam de representar os estereótipos da raça (sujeira, debilidade, falta de organização, negligência), construindo, através da “eficácia” dessas imagens, as posições de poder e resistência,



dominação e dependência, ou seja, “o sujeito da identificação colonial (tanto colonizador como colonizado)” (BHABHA, 1998, p. 106)

Blumenau finaliza sua extensa carta dirigindo-se a seus pais: “Vejam meus queridos pais, desde que pisei em terra firme, mal pude respirar direito. Aqui é preciso sempre estar atrás de seus interesses, mas depois também se tem mais lucro do que na Alemanha.” (BLUMENAU, 07/1998, p. 32) Essas relações de poder sobredeterminadas que confrontam as mentes européias brancas com os corpos miscigenados latinos americanos estruturam o sistema simbólico significativo das respectivas subjetividades. A fábrica de sebo do francês e a incessante atividade de Blumenau revelam um espaço disponível para a intervenção administrativa. O discurso colonial, nesse sentido, legitima sua vontade de dominar através da representação do “colonizado como uma população de tipos degenerados com base na origem racial” (BHABHA, 1998, p. 111) Portanto, o signo da raça fornece à modernidade o discurso do progresso, no qual o homem branco é o futuro. São essas representações da diferença, construídas a partir do aparato ideológico iluminista, que nutrem os imaginários e as identidades brasileira e alemã.

BIBLIOGRAFIA

BLUMENAU, Hermann Otto Bruno. Carta aos pais e parentes (21/04/1848). In: *Blumenau em Cadernos*. Tomo XXXIX – N. 03 – Março de 1998. p.13-25.

_____. Carta aos pais e parentes (26/06/1846 – 02/08/1846) In: *Blumenau em Cadernos* – Tomo XXXIX – N. 06 – junho de 1998. p. 17-22.

_____. Carta aos pais e parentes (03/08/1846) In: *Blumenau em Cadernos* – Tomo XXXIX – N. 07 – julho de 1998. p. 22-34.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

PRATT, Mary. *Os olhos do Império*. SP: EDUSC, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. As teorias raciais, uma construção histórica de finais do século XIX. O contexto brasileiro. In: *Raça e diversidade*, SP: EDUSP: Estação ciência, 1996.